

**DISTÚRPIO DE IMAGEM CORPORAL E TRANSTORNOS ALIMENTARES
EM UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE**Paula Canali¹, Thais Caroline Fin², Valeria Hartmann³, Cintia Gris³, Ana Luisa Sant'Anna Alves³**RESUMO**

Os transtornos alimentares (TA) são caracterizados como doenças marcadas por modificações no comportamento alimentar e possuem etiologia multifatorial. Em concomitância, a imagem corporal é um importante componente do mecanismo de identidade pessoal e corresponde à satisfação e sentimentos relativos à figura mental do corpo. No cenário dos TA, a anorexia nervosa (AN) e a bulimia nervosa (BN) são as mais comuns, sendo que estudos mostram que universitários de cursos da área de saúde são mais suscetíveis ao seu desenvolvimento. Assim, o presente estudo objetivou investigar a prevalência de transtornos alimentares associado ao distúrbio de imagem corporal, em universitários da área da saúde em uma universidade comunitária da região norte do Rio Grande do Sul. Este, foi realizada através de um formulário eletrônico enviado ao e-mail institucional dos alunos, apresentando questões demográficas, socioeconômicas, antropométricas, o questionário Eating Attitudes Test - EAT-26 e a Escala de Silhuetas de Stunkard. Foram avaliados 125 universitários, 90,4% da amostra era composta por mulheres com faixa etária prevalente de 21 a 45 anos (55,2%). Em relação ao estado nutricional, 66,1% dos estudantes estavam eutróficos. Quanto ao risco para desenvolvimento de TA e insatisfação corporal, 31% dos estudantes apresentaram risco e 63,5% estão insatisfeitos, respectivamente. Foi identificado que os estudantes que possuem risco para desenvolvimento de TA, também possuem maior média de IMC, além de 43% apresentarem insatisfação corporal por excesso de peso. Dessa forma, se torna importante explorar os determinantes dos resultados encontrados, promovendo ações que possam intervir nos prejuízos nutricionais e psicológicos dos indivíduos.

Palavras-chave: Imagem Corporal. Transtornos da Alimentação. Anorexia Nervosa. Bulimia Nervosa.

ABSTRACT

Body image disorder and food disorders in health university

Eating disorders (ED) are characterized as diseases marked by changes in eating behavior and have a multifactorial etiology. Concomitantly, body image is an important component of the mechanism of personal identity and corresponds to satisfaction and feelings related to the mental figure of the body. In the TA's scenario, anorexia nervosa (AN) and bulimia nervosa (BN) are the most common, and studies show that university students in health courses are more susceptible to their development. Thus, the present study aimed to investigate the prevalence of eating disorders associated with body image disorder, in university students in the health field at a community university in the northern region of Rio Grande do Sul. This was carried out through an electronic form sent to e institutional email from students, presenting demographic, socioeconomic, anthropometric questions, the Eating Attitudes Test - EAT-26 questionnaire and the Stunkard Silhouettes Scale. 125 university students were evaluated, 90.4% of the sample was composed of women with a prevalent age group of 21 to 45 years old (55.2%). Regarding nutritional status, 66.1% of students were eutrophic. As for the risk of developing TA'S and body dissatisfaction, 31% of students were at risk and 63.5% were dissatisfied, respectively. It was identified that students who are at risk for developing ED, also have a higher BMI average, in addition to 43% of them having body dissatisfaction with being overweight. Thus, it is important to explore the determinants of the results found, promoting actions that can intervene in the nutritional and psychological losses of individuals.

Key words: Body image. Eating disorders. Anorexia nervosa. Nervous bulimia.

1 - Curso de Nutrição da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo-RS, Brasil.

INTRODUÇÃO

A imposição dos padrões de beleza, juntamente a grande valorização do peso e da forma corporal, pode despertar aos indivíduos sentimentos de desprezo, insatisfação corporal e pessoal, assim como provocar a realização de práticas que podem comprometer a saúde das pessoas, como hábitos alimentares alterados e prática excessiva de exercícios físicos, tendo como finalidade de atingir o ideal de corpo (Nascimento e colaboradores, 2020).

Os transtornos alimentares (TA) são caracterizados como doenças marcadas por modificações no comportamento alimentar e possuem etiologia multifatorial, envolvendo componentes biológicos, genéticos, psicológicos, socioculturais e familiares. Em concomitância, a imagem corporal é um importante componente do mecanismo de identidade pessoal e corresponde à satisfação e sentimentos relativos à figura mental do corpo (Moreira e colaboradores, 2017).

No cenário dos transtornos alimentares, a anorexia nervosa (AN) e a bulimia nervosa (BN) configuram-se como as mais comuns. Ambas se caracterizam pela preocupação excessiva com o peso, sendo que na AN há uma grave restrição da ingestão alimentar associada à busca intensa pela magreza e a distorção da imagem corporal, e na BN ocorrem episódios recorrentes de uma grande ingestão de alimentos em um curto período associada a uma sensação de perda de controle e comportamentos compensatórios inadequados para o controle de peso (Nascimento e colaboradores, 2020; Nunes, Santos e Souza, 2017).

A prevalência de AN e BN têm alcançado altas proporções na população geral e estudos mostram que universitários de cursos da área de saúde são mais susceptíveis ao desenvolvimento de TA.

Há estimativas de que 15% a 25% dos universitários apresentam algum tipo de transtorno psiquiátrico no decorrer de sua formação acadêmica, especialmente aqueles da área de saúde.

A prevalência de BN na população universitária é estimada à 20% e os sintomas de compulsão alimentar à 90% dessa população.

Universitárias do sexo feminino são mais susceptíveis a adquirirem hábitos alimentares inadequados e desenvolverem TA em relação aos homens (Nascimento e

colaboradores, 2020; Sampaio e colaboradores, 2019).

A transição dos jovens adultos para o ensino superior pode se tornar um período estressante e suas estratégias de enfrentamento podem envolver mudanças nos comportamentos alimentares.

Esse desenvolvimento pode ser desencadeado por mudanças dos hábitos de vida, adaptações aos novos papéis sociais, pressões psicológicas e pela indisponibilidade temporal para alimentar-se, juntamente aos sentimentos como medo, angústia, insegurança e ansiedade, gerados nos graduandos quando se inicia a rotina universitária (Trindade e colaboradores, 2019; Costa e colaboradores, 2018; Ponte e colaboradores, 2019; Moreira e colaboradores, 2017).

Dessa forma, devido à importância do tema para os profissionais da saúde e a gravidade das doenças, investigou-se a prevalência de transtornos alimentares associado ao distúrbio de imagem corporal, em universitários da área da saúde em uma universidade comunitária da região norte do Rio Grande do Sul.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal realizado no período de maio a julho de 2020 envolvendo universitários da área da saúde de uma universidade comunitária do norte do estado Rio Grande do Sul.

Para o cálculo de amostra foi considerado o total de alunos matriculados no Instituto de Ciências Biológicas que inclui os cursos de Nutrição, Estética e Cosmética, Farmácia, Fonoaudiologia, Biologia e Enfermagem, totalizando 1.050 alunos.

A frequência esperada do desfecho é de 20%, erro aceitável de 5% e nível de confiança de 95%, totalizando 199 estudantes.

O processo de amostragem foi por conveniência, para tanto, foram convidados a participar do estudo todos os 1.050 alunos do Instituto de Ciências Biológicas. Os critérios de inclusão foram: idade entre 18 e 59 anos e estar regularmente matriculado nos cursos do Instituto de Ciências Biológicas.

A coleta de dados foi realizada por meio de formulário eletrônico enviado para o e-mail institucional dos alunos. O formulário apresentava questões demográficas (sexo, idade, estado civil), socioeconômicas (classe econômica), peso e altura autoreferido,

comportamento alimentar de risco e imagem corporal.

O desfecho do comportamento alimentar foi avaliado por meio do Teste de Atitudes Alimentares (Eating Attitudes Test, EAT-26), traduzido e validado no Brasil por estudos anteriores (Bighetti e colaboradores, 2004).

Este, é composto por questões com seis opções de resposta (nunca, quase nunca, poucas vezes, as vezes, muitas vezes e sempre). A pontuação final do questionário pode variar de 0 a 78 pontos.

Para o teste EAT-26, as características das participantes que obtiveram pontuação > 20 pontos foram considerados de alto risco para do desenvolvimento de transtornos alimentares; as daquelas com pontuação de 10 a 20 foram consideradas de baixo risco e as com escore de 0 a 9 pontos foram consideradas isentas de risco.

Dessa forma, o resultado do EAT-26 foi categorizado em: EAT com ausência de risco para transtorno alimentar e EAT com risco para transtorno alimentar (baixo e alto risco).

Quanto à percepção da imagem corporal (IC), foi avaliada através Escala de Silhuetas de Stunkard adaptada ao português por Scagliusi e colaboradores (2006), que se baseia em uma escala de silhuetas que contém nove IC do sexo masculino e nove do sexo feminino. Assim, os avaliados são submetidos a duas perguntas diretas sobre sua imagem:

Como se vê?: variável denominada de autoimagem real. Para responder a ela, o indivíduo indicou a IC/silhueta que melhor representava sua própria imagem naquele momento;

Como gostaria de ser?: variável denominada de autoimagem ideal. O indivíduo indicou a imagem ideal que desejaria ter.

A satisfação com a IC foi avaliada através de uma variável chamada de satisfação com o perfil corporal.

Para isso, realizou-se uma operação de subtração entre o valor da figura que representava a silhueta real e o valor da figura que representava a silhueta ideal, gerando valores que poderiam variar de -8 a +8. A partir do resultado da operação, o indivíduo foi classificado como: satisfeito (resultado foi igual a zero), insatisfeito por magreza (resultado foi um valor negativo) e insatisfeito por excesso

de peso (resultado foi um valor positivo). Além disso, foi avaliada concordância entre a classificação do estado nutricional (IMC) e a silhueta real indicada na presente ferramenta.

Foram coletadas informações de peso e altura autoreferidas para o diagnóstico do estado nutricional por meio do Índice de Massa Corporal (IMC/kg²) e categorizado conforme pontos de corte preconizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO, 1998).

Os dados foram organizados e analisados em software de estatísticas, para as variáveis qualitativas foram apresentadas as frequências absolutas e relativas simples.

Para as variáveis quantitativas foi testada a normalidade com o teste de Kolmogorov-Smirnov e foram calculadas as medidas de tendência central e dispersão.

Para a comparação de médias de IMC dos acadêmicos com e sem risco para TA's, aplicou-se o teste t independente.

Para avaliar a concordância entre IMC e silhueta real utilizou-se o Índice Kappa. Por fim, para a associação entre risco para TA e insatisfação corporal foi empregado o teste qui-quadrado.

O estudo foi conduzido dentro dos preceitos éticos e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo sob parecer nº 4.051.564. Antecedendo a distribuição do questionário, os universitários assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS

O estudo contou com a participação de 125 acadêmicos e o percentual de perdas e recusas foi de 37,2%.

Na Tabela 1, observa-se que a maior parte eram mulheres (90,4%), com uma faixa etária prevalente de 21 a 45 anos (55,2%), solteiros (87,2%) e pertencentes a classe econômica B (47,2%).

Em relação ao Índice de Massa Corporal (IMC), 66,1% dos estudantes estão em eutrofia. Quanto ao questionário EAT-26, 31% dos estudantes apresentaram risco para o desenvolvimento de TA. Em relação a aplicação da escala de silhuetas, 49,8% se veem em baixo peso e 75,4% gostariam de estar com baixo peso. Sobre a insatisfação corporal, 51,6% estão insatisfeitos por excesso de peso.

Tabela 1 - Descrição das características demográficas e socioeconômicas de uma amostra de acadêmicos de cursos da área da saúde de uma universidade comunitária, 2020, Passo Fundo (n=125).

Variáveis	Categorias	n	%
Sexo	Feminino	113	90,4
	Masculino	12	9,6
Estado conjugal	Solteiro	109	87,2
	Casado	16	12,8
Faixa etária	18 a 20 anos	56	44,8
	21 a 45 anos	69	55,2
Classe econômica	Classe A	25	20
	Classe B	59	47,2
	Classe C, D, e E	41	32,8

Tabela 2 - Descrição dos indicadores de IMC, atitudes alimentares e imagem corporal de uma amostra de acadêmicos de cursos da área da saúde de uma universidade comunitária, 2020, Passo Fundo (n=125).

Variáveis	Categorias	n	%
Índice de Massa Corporal	Baixo peso	10	8,1
	Eutrofia	82	66,1
	Sobrepeso	25	20,2
	Obesidade	7	5,6
EAT-26	Sem risco	87	69
	Com risco	39	31
Escala de silhuetas real	Baixo peso	62	49,2
	Eutrofia	59	46,8
	Excesso de peso	5	4,0
Escala de silhuetas ideal	Baixo peso	95	75,4
	Eutrofia	31	24,6
Insatisfação corporal	Insatisfação por excesso de peso	65	51,6
	Satisfação	46	36,5
	Insatisfação por magreza	15	11,9

Tabela 3 - Descrição da associação entre o risco para TA a insatisfação corporal de uma amostra de acadêmicos de cursos da área da saúde de uma universidade comunitária, 2020, Passo Fundo (n=125).

Variáveis	Categorias	Risco para TA				p-valor
		Sem risco		Com risco		
		n	%	n	%	
Insatisfação corporal	Insatisfação por magreza	11	73,3	4	26,7	0,007
	Satisfação	39	84,8	7	15,2	
	Insatisfação por excesso de peso	37	56,9	28	43,1	

Na comparação entre as médias de IMC dos acadêmicos com e sem risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares, identificou-se diferença entre as médias ($p=0,023$), sendo que os acadêmicos com risco têm maior média de IMC (média=24,28; DP=4,49) em relação aos acadêmicos sem risco (média=22,62; DP=3,33). Em relação a concordância entre IMC e a silhueta real, identificou-se baixa concordância ($Kappa=0,024$).

Ao associar o risco para TA com a insatisfação corporal, observa-se que a

prevalência de insatisfação por excesso de peso foi maior entre os acadêmicos com risco nutricional (43,1%; $p=0,007$), quando comparado com as demais categorias (Tabela 3).

DISCUSSÃO

O presente estudo identificou que 31% dos estudantes têm risco para desenvolvimento de TA, sendo que este tem maior média de IMC. A insatisfação corporal foi observada em 63,5% e entre os estudantes

com risco para desenvolvimento de TA 43% apresentavam insatisfação corporal por excesso de peso.

Ainda sobre a insatisfação corporal, verificou-se baixa concordância entre a silhueta real e o estado nutricional. Destaca-se, no entanto, que as interpretações devem ser realizadas com cautela frente ao elevado percentual de perdas e recusas e por tratar-se de estudo transversal com amostragem por conveniência.

Apesar das limitações, estudos recentes apontam para o mesmo sentido, como o estudo realizado com universitárias da área da saúde da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) em que constataram que 26,7% da amostra apresentava indícios de TA (Oliveira e colaboradores, 2020).

Outro estudo, também realizado em Minas Gerais, por meio da aplicação do EAT-26, identificou que o risco para desenvolvimento de TA estava presente em 26,6% da amostra entrevistada (Cardoso e colaboradores, 2020).

Assim como os resultados do estudo de Aidar e colaboradores (2020), que observaram prevalência de TA de 31%. Todos esses estudos foram realizados com o mesmo público do presente estudo, universitários e jovens adultos, assim, enfatiza-se a necessidade de ações de educação alimentar e nutricional no meio acadêmico como forma de prevenção e tratamento dos TA.

Em relação aos dados apresentados pela Escala de Silhuetas também se assemelham com o estudo de Carvalho e colaboradores (2020), o qual examinou os fatores associados a insatisfação com a imagem corporal em uma amostra de 1.019 adolescentes estudantes de seis escolas da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Entre os adolescentes avaliados, 422 (41,4%) desejavam uma silhueta menor e 343 (33,7%) desejavam uma silhueta maior, ou seja, 765 (75,1%) estavam insatisfeitos e informaram desejar ter uma silhueta diferente daquela na qual se autopercebiam.

Ainda, no estudo de Simas, Macara e Melo (2020), o qual verificou a prevalência de satisfação com a imagem corporal em bailarinos profissionais brasileiros de dança contemporânea, obteve resultados que corroboram com a presente prevalência encontrada.

Foi constatado que a maioria dos bailarinos (57,9%) estão satisfeitos com a IC, porém, a outra parte (42,1%), estão

insatisfeitos. Apesar de ser uma amostra muito específica e de uma categoria profissional que expõe muito o corpo, os dados de insatisfação corporal são similares ao encontrado no presente estudo.

Os resultados também corroboram com o estudo de Claumann e colaboradores (2019), o qual estimaram a prevalência de insatisfação com a imagem corporal e sua relação com a magreza e excesso de peso.

Dos 1.058 adolescentes, 75,2% apresentaram insatisfação corporal e foi constatado que indivíduos com adiposidade corporal elevada tiveram menor chance de insatisfação pela magreza e maior chance de insatisfação pelo excesso de peso.

No presente estudo, foi possível verificar a baixa concordância entre IMC e satisfação corporal, e que acadêmicos com risco para TA apresentaram maior média de IMC.

Tais achados reforçam que a insatisfação corporal está presente ainda na adolescência, antes do ingresso no meio acadêmico e que, talvez, essa insatisfação possa durar por muitos anos.

Ao observar a baixa concordância entre a silhueta real e o estado nutricional resultante no presente estudo, verificou-se que no estudo de Santos e colaboradores (2020), o qual avaliou a concordância entre autoimagem corporal através da escala de silhuetas e estado nutricional em 131 indígenas khisêdjê do Parque Indígena do Xingu, também obteve resultados semelhantes. Houve baixa concordância entre IC e EN, em que apenas em mulheres com 40 anos ou mais, observou-se concordância moderada entre as duas variáveis.

Esses resultados sugerem que a autoimagem corporal, avaliada por meio da Escala de Silhuetas de Stunkard e colaboradores apresentou pouca aplicabilidade como indicador do EN.

O desejo de alcançar o padrão de beleza atual e a impossibilidade de transformá-lo em realidade gera um conflito que produz insatisfação com a imagem corporal e aumenta os riscos para o desenvolvimento de transtornos alimentares.

De acordo com o Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), os TA resultam no consumo ou na absorção alterada de alimentos, comprometendo significativamente a saúde física e o funcionamento psicossocial (American Psychiatric Association, 2014).

Estes, tendem a diminuir consideravelmente a qualidade de vida das pessoas, impactando não só na vida de quem está acometido pelos TA mas em pessoas do convívio pessoal (Fontenele e colaboradores, 2019).

Diante da complexidade clínica dos transtornos alimentares e de imagem corporal, o seu enfrentamento requer uma equipe multidisciplinar composta, no mínimo, por médico psiquiatra, psicólogo e nutricionista.

As condutas nutricionais utilizadas no tratamento almejam reverter alterações funcionais, recuperar o estado nutricional, promover um padrão alimentar que atenda às necessidades e as recomendações nutricionais, sugerindo mudanças no comportamento alimentar e melhorando a relação paciente-alimento (Farias e Rosa, 2020).

CONCLUSÃO

Diante do exposto, identificou-se que a prevalência de insatisfação por excesso de peso foi maior entre os acadêmicos com risco nutricional para TA, quando comparado com as demais categorias, sendo ainda revelado que os estudantes que possuem risco para desenvolvimento de TA também possuem maior média de IMC.

Ainda, a alta porcentagem de indivíduos que mesmo sem risco para TA apresentam insatisfação corporal, sugere que há preocupação excessiva com o peso e formato corporal.

É de fundamental importância que sejam realizados estudos exploratórios aos resultados discutidos, propiciando maiores esclarecimentos sobre os seus determinantes.

Além disso, é necessário que sejam desenvolvidas ações que busquem minimizar os prejuízos físicos, nutricionais e psicológicos ligados ao público estudado.

REFERÊNCIAS

1-Aidar, M.O.I.; Freitas, R.B.; Bastos, G.C.F.C.; Brasileiro, A.A.; Silva, A.M.T.C.; Almeida, R.J. Fatores Associados à Suscetibilidade para o Desenvolvimento de Transtornos Alimentares em Estudantes Internos de um Curso de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Vol. 44. Num. 3. 2020. p. e097.

2-American Psychiatric Association (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5. Porto Alegre. Artmed. 5ª edição. 2014.

3-Bighetti, F.; Santos C.B.; Santos, J.E.; Ribeiro, R.P.P. Tradução e validação do Eating Attitudes Test em adolescentes do sexo feminino de Ribeirão Preto (SP). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 53. Num. 6. 2004. p. 339-46.

4-Cardoso, L.; Niz, L.G.; Aguiar, H.T.V.; Lessa, A.C.; Rocha, M.E.S.; Rocha, J.S.B.; Freitas, R.F. Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em estudantes universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 69. Num. 3. 2020. p. 156-164.

5-Carvalho, G.X.; Nunes, A.P.N.; Moraes, C.L.; Veiga, G.V. Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro. Vol. 25. Num. 7. 2020. p. 2769-2782.

6-Claumann, G.S.; Laus, M.F.; Felden, E.P.G.; Silva, D.A.S.; Pelegrini, A. Associação entre insatisfação com a imagem corporal e aptidão física relacionada à saúde em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro. Vol. 24. Num. 4. 2019. p. 1299-1308.

7-Costa, D.G.; Carleto, C.T.; Santos, V.S.; Haas, V.J.; Gonçalves, R.M.D.A.; Pedrosa, L.A.K. Qualidade de vida e atitudes alimentares de graduandos da área da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Vol. 71. Num. 4. 2018. p. 1642-1649.

8-Escala de Silhuetas: Scagliusi, F.B.; Alvarenga, M.; Polacow, V.O.; Cordás, T.A.; Queiroz, G.K.O.Q.; Coelho, D. Concurrent and discriminate validity of the Stunkard's Figure Rating Scale adapted into Portuguese. *Appetite*. Vol. 47. 2006. p. 77-82.

9-Farias, C.T.S.; Rosa, R.H. A educação alimentar e nutricional como estratégia no tratamento dos transtornos alimentares. *Brazilian Journal of Health Review*. Vol. 3. Num. 4. 2020. p. 10611-10620.

10-Fontenele, R.M.; Ramos, A.S.M.B.; Goiabeira, C.R.F.; Cutrim, D.S.; Galvão, A.P.F.C.; Noronha, F.M.F. Impacto dos

transtornos alimentares na adolescência: uma revisão integrativa sobre a anorexia nervosa. *Revista Enfermagem Atual In Derme*. Vol. 87. Num. 25. 2019.

11-Moreira, D.E.; Pinheiro, M.C.; Carreiro, D.L.; Coutinho, L.T.M.; Almeida, K.T.C.L.; Santos, C.A.; Coutinho, W.L.M.; Ricardo, L.C.P. Transtornos alimentares, percepção da imagem corporal e estado nutricional: estudo comparativo entre estudantes de nutrição e de administração. *RASBRAN-Revista da Associação Brasileira de Nutrição*. São Paulo. Vol. 8. Num. 1. 2017. p. 18-25.

12-Nascimento, V.S.; Santos, A.V.; Arruda, S.B.; Silva, G.A.; Cintra, J.D.S.; Pinto, T.C.C.; Ximenes, R.C.C. Associação entre transtornos alimentares, suicídio e sintomas depressivos em universitários de cursos de saúde. *Einstein*. Vol. 18. 2020. p. 1-7.

13-Nunes, L.G.; Santos, M.C.S.; Souza, A.A. Fatores de risco associados ao desenvolvimento de bulimia e anorexia nervosa em estudantes universitários: uma revisão integrativa. *HU Revista*. Vol. 43. Num. 1. 2017.

14-Oliveira, A.P.G.; Fonseca, I.R.; Almada, M.O.R.V.; Acosta, R.J.L.T.; Silva M.M.; Pereira, K.B.; Nascimento, P.L.; Salomão, J.O. Transtornos alimentares, imagem corporal e influência da mídia em universitárias. *Revista de enfermagem UFPE on-line*. Vol. 14. 2020. p. e245234.

15-Ponte, M.A.V.; Fonseca, S.C.F.; Carvalho, M.I.M.M.; Fonseca, J.J.S. Autoimagem corporal e prevalência de sobrepeso e obesidade em estudantes universitários. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*. Vol. 32. 2019. p. e8510.

16-Sampaio, H.A.C.; Silva, I.A.S.; Parente, N.A.; Carioca, A.A.F.C. Ambiente familiar e risco de transtorno alimentar entre universitários da área da saúde. *DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde*. Vol. 14. 2019. p. e33308.

17-Santos, K.M.; Tsutsui, M.L.S.; Mazzucchetti, L.; Galvão, P.P.P.; Granado, F.S.; Rodrigues, D.; Tomita, L.Y.; Maia, R.R.P.; Gimeno, S.G.A. Concordância entre estado nutricional e percepção da imagem corporal em indígenas khisêdjê do Parque

Indígena do Xingu. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. Vol. 23. 2020. p. e200040.

18-Simas, J.P.N.; Macara, A.; Melo, S.I.L. Sintomas de Transtorno Alimentar e Satisfação com Imagem Corporal em Bailarinos Profissionais de Dança Contemporânea. *Revista Médica de Minas Gerais*. Vol. 30. 2020. p. e-3004.

19-Trindade, A.P.; Appolinario, J.C.; Mattos, P.; Janet, T.; Nazar, B.P. Sintomas do transtorno alimentar em universitários brasileiros: revisão sistemática e metanálise. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. São Paulo. Vol. 41. Num. 2. 2019. p. 179-187.

20-World Health Organization. *Obesity: preventing and managing the global epidemic*. Geneva. WHO. 1998.

2 - Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo-RS, Brasil

3 - Docente do Curso de Nutrição na Universidade de Passo Fundo. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo-RS, Brasil.

E-mail dos autores:
 167339@upf.br
 thaisfin@upf.br
 vhartmann@upf.br
 cintiagris@upf.br
 alves.als@upf.br

Autor para correspondência:

Thais Caroline Fin:
 thaisfin@upf.br
 Rua Independência, 640, apto 1802.
 Centro, Passo Fundo-RS, Brasil.
 CEP: 99010-041.

Recebido para publicação em 20/01/2021
 Aceito em 21/03/2021